

IMAGENS DO MIGRANTE NORDESTINO EM SÃO PAULO

Germano Leóstenes Alves de Sobral*

O processo migratório implica, invariavelmente, situações que encerram confrontos interétnicos. Os deslocamentos espaciais de indivíduos e grupos configuram-se, pois, como "momentos" de crise e (re)construção de identidades. A trajetória do migrante é marcada pela reelaboração de seus referenciais identificatórios - traços sócio-cul-

turais com os quais os sujeitos identificam-se e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um grupo - e, portanto, envolve o questionamento de valores e de imagens de si e do outro. Dentre esses referenciais destaca-se o lugar de origem dos sujeitos:

"A cidade ou terra é vista como mãe e nutriz;

o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente; o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo e movimento em toda parte" (TUAN, 1983:171).(1)

Quando se diz que, ao sair de seu lugar de origem, de sua terra "natá"(2), o migrante desenraiza-se, está-se fazendo alusão à essa referencialidade do espaço. E, mais do que isso, dado que este pertencimento ao lugar de origem institucionaliza-se pelas mãos do Estado sob a insígnia da naturalidade, abrem-se caminhos para desdobramentos ideológicos que convertem o migrante num sujeito desnaturalizado. A migração, legítima enquanto tentativa de solucionar uma situação de ameaça à sobrevivência, ideologiza-se enquanto um problema de disfunção. Reduz-se o migrante ao excedente populacional, às vezes no lugar de origem, às vezes no lugar de chegada, frequentemente em ambos. Não estar no seu lugar é transgredir uma ordem e isto concretamente expressa-se em preconceitos e segregações. Uma outra implicação, e não menos importante, é a interiorização pelos próprios migrantes de imagens estereotipadas de si mesmos, as quais reforçam sentimentos de desenraizamento e de errância. Neste trabalho é este último aspecto que nos interessa mais especificamente. Trata-se, aqui, de desenvolver o questionamento de algumas imagens tipificadas do nordestino tal como instituídas no confronto do migrante com o outro e consigo próprio. Tais imagens são constrações e irrompem na fala dos sujeitos banhadas de sentimentos ambivalentes:

"O nordestino não faz essas coisas lá na terra dele...nordestino só faz essas coisas aqui porque não é a terra dele...faz isso pra gente passar vergonha" (P.G.S., 56 anos, dona-de-casa e aposentada, paraibana, residente em São Paulo há aproximadamente 15 anos).

Referindo-se a fatos jornalísticos (crimes, fundamentalmente)(3), transmitidos pelo rádio e pela TV, bem como a situações por ela vivenciadas no cotidiano (depredações, brigas, etc.), nos quais os protagonistas foram nordestinos, P.G.S. acaba ressaltando uma ima-

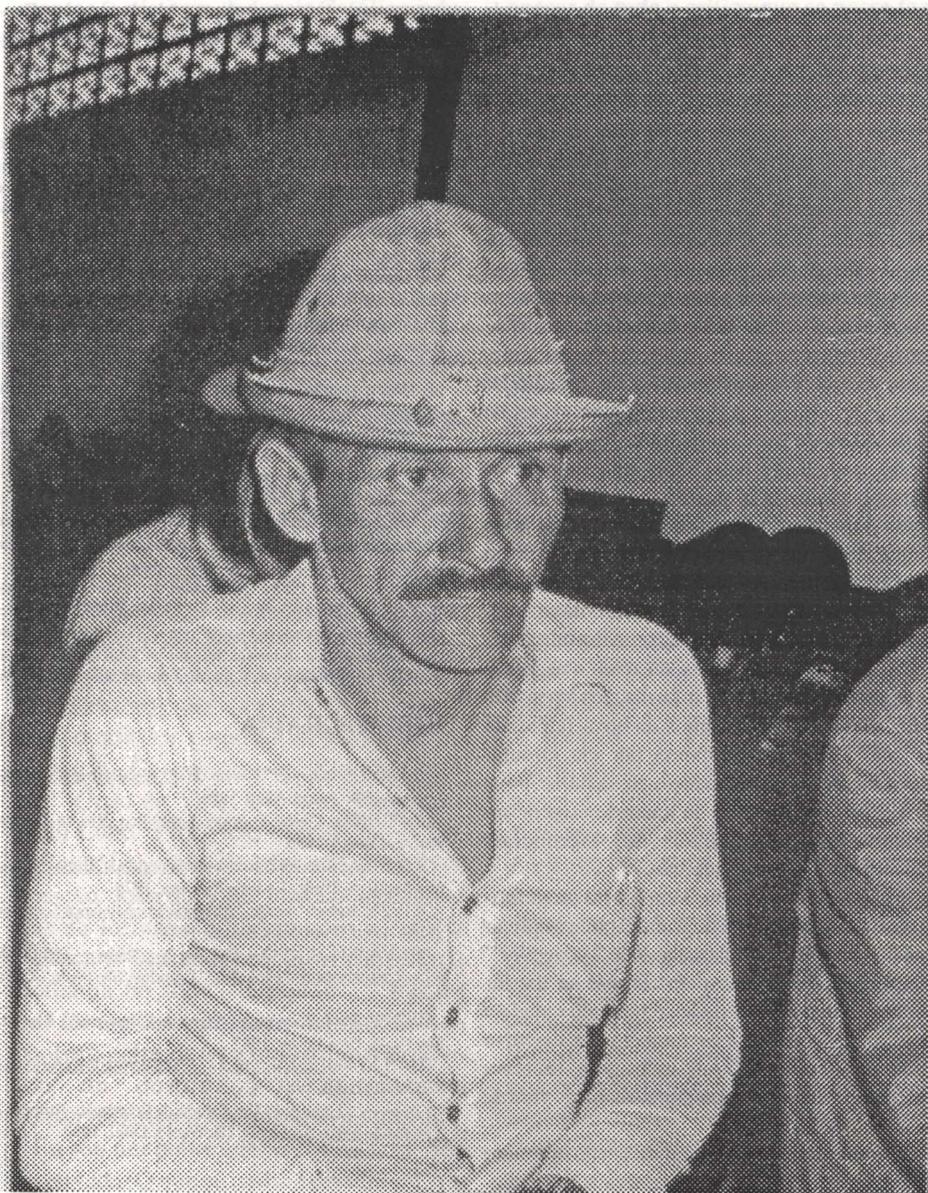


Foto: Arquivo CEM

gem negativa do migrante, canonizada pelos meios de informação/massificação, enquanto preserva idealizado o núcleo de uma identidade nordestina original. Mesmo que esta imagem não seja isenta de ambivalências - em seu discurso o migrante nordestino também aparece como "um forte", "o que construiu São Paulo" - subjaz a concepção de desterro e de que, por estar longe do seu lugar, o migrante desorienta-se.

Não cabe, nos limites deste trabalho, uma discussão pormenorizada sobre a existência ou autenticidade de uma identidade regional nordestina, o que remeteria ao debate sobre a questão regional(4). Entende-se, no entanto, que desde o Império se desenvolveu um discurso social sobre a divisão do país em dois grandes núcleos - o Norte e o Sul - definindo-se um em contraposição ao outro(5). Ainda hoje são comuns as denominações "nortistas" e "sulistas" para designar os naturais de uma e outra porção do país, independentemente dos recortes regionais oficiais efetuados pelo Estado, principalmente após 1940. A configuração imaginária e ideológica desses recortes espaciais é ao mesmo tempo produto das lutas sociais e produtora da própria realidade. Deste modo, a institucionalização recente do Nordeste pauta-se sobre uma trama histórica mais antiga, no interior da qual se engendraram províncias do Norte e províncias do Sul. O discurso sobre a região, porque assentado em precedentes históricos, acaba tendo o poder de criar a própria região; nos termos de Bourdieu, o enunciado traz à existência aquilo que enuncia(6).

É também, a partir de 1940, que se intensificam as migrações internas no território brasileiro, principalmente de camponeses expropriados que se dirigem para os centros urbanos. Destacam-se as saídas de mineiros e de nordestinos em direção às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro(7). No jogo dialético da construção das identidades por contraste, o migrante põe-se, então, como o nortista/do campo ante o sulista/da cidade. Aparência, vocabulário regional, sotaque e costumes são traços distintivos que passam a ser ressaltados enquanto marcas negativamente valorizadas do outro. A imagem do recém-chegado à futura metrópole, cansado e maltratado após uma viagem de longa duração sacolejando na carroceria de um caminhão, acabou por fixar-se na figura do "pau-de-arara". Designando tanto o principal meio de transporte dos migrantes na época, como o próprio migrante, o termo condensa em sua dupla acepção e com a força da metáfora, todo o drama do êxodo nordestino: a liberdade de ir e vir é o desdobramento culminante da prisão de rígidas estruturas sociais.

A incorporação ao seu vocabulário, de termos como "baiano" e "baianada", o primeiro operando como designação genérica de todos os nordestinos, e o segundo como sinônimo de estupidez ou sujeira, expressa a interiorização pelo migrante de imagens pejorativas, forjadas no âmbito das lutas entre diferentes sujeitos pela imposição de significados dominantes. A própria recusa a ser classificado como "baiano" - e a reserva desta denominação aos outros - subsume um complexo de reavaliações de valores e de manipulação de imagens que objetivam uma maior aceitação na sociedade mais ampla.

Já em outros contextos interacionais, o referencial espacial de origem é resgatado enquanto foco de identificações: "O Nilson é meu conterrâneo... é lá de Triunfo, também... mas nós nem se conhecia antes de vir pra cá, não... viemos nos conhecer aqui na firma" (R.S., 23 anos, ajudante geral, pernambucano, residente em São Paulo há 4 anos).

A proclamação da "conterraneidade" define-se, assim, como uma declaração de semelhanças; trata-se de um ato de reconhecimento, assentado sobre as bases de uma origem comum e de um vislumbramento de futuros quiçá bem parecidos. A esperança de retorno à terra natal é, com frequência, parte integrante desse compartilhar de origens. Ao nível do cotidiano, este mútuo reconhecimento pode aprofundar laços de amizade e desenvolver relações de solidariedade entre indivíduos e famílias. Esta solidariedade de base, conforme numerosos pesquisadores já o atestaram, é fundamental para a instalação inicial do migrante no novo lugar, tanto em termos econômicos, como em termos culturais. É necessário que, até que ingresse no mercado de trabalho, o novo habitante tenha como sustentar-se materialmente, mas é igualmente indispensável que tenha acesso a um mínimo de informações a respeito dos códigos e mecanismos da nova realidade social a fim de que possa por ela circular livremente, comunicando-se. Resgata-se, pois, a valorização positiva do lugar de origem enquanto um dos núcleos de referenciais identificatórios dos sujeitos.

Finalmente, o retorno temporário ou definitivo do migrante à sua terra natal pode implicar na construção de uma imagem de "vencedor" expressa no discurso daquele que se diz ter enfrentado as dificuldades da grande cidade e ter se dado bem, mas também no discurso daquele que, expulso da metrópole, regressa alegando não ter se acostumado com a "vida de louco" de São Paulo.

De qualquer maneira, a mudança do migrante nunca é estritamente "geográfica". Sua trajetória

implica mudanças internas profundas, ao nível das representações, as quais emergem e ganham formas através de imagens de si e do outro. Muito dessas imagens é construído a partir da junção de fragmentos do discurso social que se forja a respeito da condição. A identidade social é, assim, entendida como um complexo em construção através de relações tanto contrastivas como especulares. Numa época de utopias separatistas e de exacerbação dos discursos regionalistas, a manipulação dessas imagens torna-se importante estratégia para os diferentes sujeitos sociais em confronto. Pode-se, pois, vislumbrar o alcance dessas questões para a consolidação da democracia e para a construção da cidadania na sociedade brasileira.

* Germano L. A. de Sobral é Mestrando em Geografia Humana pela FFLCH-USP, bolsista CNPq.

NOTAS

(1) Sobre as relações entre construção da identidade e afeição pelo lugar leia-se especialmente os trabalhos de TUAN relacionados na bibliografia final. Sobre as relações entre memória e espaço há o trabalho clássico de Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, editado pela Vértice.

(2) Como em "O Último Pau-de-Arara" (Venâncio-Corumba-José Guimarães): "Quem deixa a terra natá, em outro canto não pára..."

(3) Programas jornalísticos como o do radialista Gil Gomes, voltados para a cobertura de crimes, costumam destacar, quando da identificação das pessoas, a cor e a naturalidade.

(4) Sobre a questão regional: MARKUSEN, Ann R., "Região e Regionalismo: Um Enfoque Marxista" in *Espaço e Debates* n. 2, maio/1981 e, noutra perspectiva, BOURDIEU (v. bibliografia final).

(5) V. PENNA (bibliografia final)

(6) V. BOURDIEU (bibliografia final)

(7) Os dados estatísticos oficiais sobre fluxos migratórios internos brasileiros podem ser coletados nas "Estatísticas Históricas do Brasil - Séries Econômicas, Demográficas e Sociais, de 1550 a 1988" publicadas pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2a. ed. (1990). No entanto, a falta de dados sobre as chamadas migrações de retorno impede uma apreensão da dinâmica migratória total, posto que as informações sobre saldos migratórios devem ser relativizadas.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Manuel Correia de. *O Nordeste e a Questão Regional*, São Paulo, Ática, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*, S. Paulo, Livraria Pioneira, 1976.
- OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e Mudança Social no Brasil*. 4a. ed., Petrópolis, Vozes, 1988.
- PENNA, Maura. *O Que Faz Ser Nordestino - identidade sociais, interesses e o "escândalo"* Erundina, São Paulo, Cortez, 1992.
- SINGER, Paul. *Economia Política da Urbanização*, 11a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1987.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar - A Perspectiva da Experiência*, São Paulo, Difel, 1983.
- *Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*, São Paulo, Difel, 1980.